

*Repensando o conceito de lar em contextos
migratórios: bagagens esperançosas,
entre errância e enraizamento*

(Rethinking home in diasporic contexts: hopeful luggage, between
errancy and rootedness)

Denise Almeida Silva

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Resumo: Enfocam-se duas narrativas de migração, acompanhando-se a busca dos protagonistas por um lugar que possam chamar de lar. Toma-se a bagagem reduzida desses migrantes como símbolo de despossessão e de diferença cultural. Reflexões de Bhabha acerca da diferença cultural e o conceito de lar como exposto por Theano Terkenli embasam esta análise comparativa de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *The Final Passage*, de Caryl Phillips, e se tornam o ponto de partida para considerações acerca da maneira como a representação conduz às assimetrias sociais retratadas no jogo entre errância e enraizamento, e no desejo e negação do lar.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Caryl Phillips; *Vidas Secas*; *The Final Passage*; lar

Abstract: Two migration narratives are analysed here. The analysis focuses the protagonists of Graciliano Ramos *Vidas Secas* and Caryl Phillips *The Final Passage* in their search for home. The migrants' reduced luggage is taken as symbolic of their dispossession and also as pointing to cultural difference. Bhabha's reflections on cultural difference and the concept of home, as defined by Theano Terkenli, offer the theoretical foundation for this analysis, and trigger considerations on the way representation leads beyond itself, to the social asymmetries implicit in the opposition between rootedness/ vagrancy, and in the aspiration for home and its denial.

Keywords: Graciliano Ramos; Caryl Phillips; *Vidas Secas*; *The Final Passage*; home

Enfocam-se, neste artigo, duas narrativas de migração, acompanhando-se a busca dos protagonistas por um lugar que possam chamar seu; ao mesmo tempo, acompanha-se o transitar entre a esperança e a desesperança nesse contexto, tomando-se a bagagem reduzida desses migrantes tanto como símbolo de desposseção como de diferença cultural. Essa última opção provê horizontes exploratórios quando se têm em mente as possibilidades abertas pela colocação de questões acerca de solidariedade e comunidade a partir de uma perspectiva intersticial: como Bhabha ressalta, uma vez tomadas como signos da emergência de uma comunidade, a um tempo visão e construção, as representações conduzem para além de si próprias para poderem retornar, em um espírito de revisão e reconstrução, às condições políticas do presente (2005, p. 21-2). Assim, a análise leva à meditação sobre as assimetrias sociais retratadas no jogo entre errância e enraizamento, como expresso através do desejo e negação de um espaço que se caracterize como lar.

A primeira narrativa liga-se a uma das mais dramáticas formas de migração interna: o drama dos retirantes, como retratado por Graciliano Ramos no já clássico *Vidas Secas*. A segunda, *The Final Passage*¹, de Caryl Philips, enfoca migrantes caribenhos da geração Windrush. Embora por certo a diáspora caribenha retratada pelo escritor anglo-caribenho² não enfrente privações tão extremas quanto as ocasionadas pelo clima inclemente, compõe-se também de seres marginalizados que, como os retirantes, sonham com melhores condições de vida. É dentro desse contexto que se examina a construção da geografia pessoal de lar. Afinal, como afirma

1 Referenda-se aqui o nome original do romance uma vez que este ainda não possui tradução para a língua portuguesa. Uma possível tradução seria A passagem final. O título remete à expressão Passagem Medial (Middle Passage), que designava o trânsito, no oceano Atlântico, dos escravos africanos vindos da África para o Caribe. No título do romance ressoam ainda sugestões sobre a (im)possibilidade de retorno à terra de origem, um tema comum na literatura de migração.

2 Nascido em St. Kitts, nas Índias Ocidentais, Caryl Phillips mudou-se para Inglaterra quando tinha apenas 4 meses. Cresceu em Leeds, estudou literatura inglesa em Oxford University. Lecionou em vários países membros da Commonwealth; e atualmente, além de escritor, é professor em Yale. Tem sido tanto “classificado” como escritor inglês, caribenho ou ainda internacional, dado seu intenso trânsito entre os países de língua inglesa.

Theano Terkenli, na qualidade de expressão da identidade pessoal ou grupal, o conceito de lar é geograficamente transferível à busca humana por um ponto de referência, um 'lugar no mundo' (TERKENLI, 1995, p. 327).

Muito embora a associação de lar a domicílio tenha-se tornado popular, o termo designa muito mais do que uma noção espacial. Na verdade, o conceito de lar constitui-se num parâmetro que está presente em todo relacionamento entre os seres humanos e o meio ambiente, a tal ponto que qualquer atividade ou experiência afeta, de alguma maneira, a geografia pessoal do lar. Assim, uma história vital vem a ser uma colagem de geografias pessoais e/ou coletivas que se sobrepõem umas às outras – coletiva ou individualmente regiões-lar estão sujeitas a constante construção e desconstrução.

Uma vez que o mais forte senso de lar coincide, geograficamente, com a habitação, entende-se por que as pessoas em situação nômade ou aquelas espacial e/ou emocionalmente deslocadas têm uma noção de lar bastante reduzida. Um investimento regular e contínuo em um contexto com o qual as pessoas se identificam e sobre o qual têm algum tipo de controle é essencial para que um espaço se transforme em lar. A problematização desse conceito em contextos que envolvem deslocamento torna-se mais presente quando se raciocina, como o faz ainda Terkenli, que é na interface entre o eu e seu mundo que se forma a geografia do lar: via de regra, a experiência de sentir-se em casa é experimentada quando há familiaridade entre as ações passadas e as atividades, preocupações, tendências e intenções atuais (TERKENLI, 1995, p. 325-6).

O romance de Graciliano Ramos é bem conhecido. Fabiano, homem rude e de poucas palavras, caminha em meio à seca implacável, acompanhado pela família e pela cadela, Baleia. Premidos pela fome, haviam já comido o papagaio que os acompanhara no início da viagem. Ao achar uma fazenda abandonada, apossam-se da casa e são aceitos a contragosto pelo dono, que concorda em conceder emprego a Fabiano. Entre essa cena inicial e a final, quando novamente o cenário da seca se impõe e a família vagueia sem rumo, o romance desenvolve-se em quadros que apresentam ao leitor cada um dos personagens: Fabiano, rude e de poucas palavras; Sinhá Vitória, mais articulada, e por isso merecedora da admiração do esposo, os dois meninos sem nome, e a cadela, quase humanizada em seu sofrimento.

*Repensando o
conceito de lar
em contextos
migratórios:
bagagens
esperançosas,
entre errância
e enraizamento*

167

A identidade entre o homem e a paisagem em que habita e a forma como à terra áspera e seca correspondem seres rudes, de poucas palavras, tão concentrados em sobreviver que quase não lhes resta alento para “fraquezas” como o carinho e ternura, têm sido sobejamente analisadas, como também o tem sido a conexão entre o romance e a vertente de caráter nacionalista que, no modernismo, assume, a par da liberação do “colonialismo mental”, uma tomada de consciência geral em torno dos problemas do Brasil e da realidade do homem brasileiro (COUTINHO, 1966, p. 283). Como já afirmado na introdução, outra é a proposta deste ensaio: tomando-se em consideração as articulações entre lar e a busca por um espaço referencial próprio no qual se possa investir continuamente, pensa-se que o romance, com sua representação da errância, torna-se um foro privilegiado para o exame desse conceito.

Como Graciliano Ramos descreve nos parágrafos iniciais, o grupo move-se na planície avermelhada, numa terra árida, de rios secos e catinga rala. A caminhada prossegue,

Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás (RAMOS, 1972, p. 43).

O baú de folha e o aió resumem em seu bojo tudo o que restou; a cuia, a espingarda e o facão anunciam esperançosa proteção contra a fome e sede. A essas cargas se junta a carga humana, representada pelos meninos, o mais novo carregado já de início pela mãe, e o mais velho, que logo passa a ser carregado pelo pai. Caracteriza-se primeiro o menino mais velho como “obstáculo miúdo” que “dificultava a marcha”, o que reforça a noção das crianças como carga adicional. Depois, comovido pela fraqueza da criança, que se encolhia, “frio como um defunto”, o pai põe o filho no cangote. A decisão, aprovada pela mulher, faz necessária a transferência parcial da bagagem de Fabiano para a mulher, que passa a carregar a espingarda. Mais tarde, ao chegarem aos juazeiros, acomodam os filhos, que são arriados “como trouxas” e cobertos por molambos.

Premidos pelas condições adversas, Fabiano e sua gente, ao início do romance, concentram suas energias na mera sobrevivência. Como Álvaro Lins resume ao comentar a seca como elemento impulsionador dos personagens, no “primeiro capítulo Fabiano e a sua família são retirantes, em busca de um novo pedaço de terra” (LINS, 1947. In: RAMOS, 1972, p. 38). Contudo, abrigar-se à sombra e achar algo para saciar a fome são primeiramente mais indispensáveis do que a satisfação da necessidade de achar um espaço próprio. Ao chegarem aos juazeiros, acomodam os filhos, cobrindo-os com os molambos e, em seguida, empenham-se à procura da satisfação da fome, através da caça do preá. Uma vez assegurado esse primeiro objetivo, Fabiano procura por água no bebedouro dos animais, comportando-se como se fosse um deles: cava a areia com as unhas, bebe debruçando-se no chão e, quando saciado, deita-se de “papão para cima”.

Essa construção de prioridades torna-se relevante quando se raciocina, juntamente com Terkenlis, como os seres humanos têm necessidade de se apegar a um contexto que seja inquestionavelmente seu, de forma a se sentirem seguros ao longo das mutáveis associações com lugar, sociedade e tempo. Contudo, a criação do espaço do lar ocorre através da personalização de espaços, que podem ser voluntariamente escolhidos ou impostos por circunstâncias externas (TERKENLI, 1995, p. 331). A opção de Fabiano por se deter na casa do vaqueiro abandonada liga-se à última situação: não é tanto uma escolha dentre variadas opções, mas a única alternativa a que se pode apegar nas circunstâncias.

Uma vez tendo chegado à fazenda sem vida, e concluído a inspeção ao curral e ao chiqueiro desertos, à casa fechada, ao barreiro vazio no fundo do terreno e à caatinga ao redor da casa, Fabiano percebe a realidade inescapável da seca. Conquanto desértica e insalubre, a fazenda abandonada e a tapera do vaqueiro constituem-se na única alternativa de que dispõe. Como resume mais tarde, “caíra no fim do pátio [...] depois tomara conta da casa deserta” (RAMOS, 1972, p. 53). Reforçando a conotação de ação não determinada por volição, associada ao verbo cair, mais tarde o personagem confessa que se se apossara da casa “porque não tinha onde cair morto”, e se refere a essa decisão como sendo a de “hospedar a família ali”. O verbo é significativo, já que denota lugar

de habitação passageiro, como, aliás, parece-lhe convir à sorte de um “vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede” (RAMOS, 1972, p. 54).

É dado aos seres humanos ocupar espaços e usar símbolos que os transformam em lugar, pois os homens são criaturas de hábito que se apropriam de lugar e contexto como lar. Tão importante quanto a apropriação do espaço é o investimento nele: para que lugar seja associado a lar é necessário que seja revestido de um contínuo e regular investimento de significado por parte de seus ocupantes, os quais devem ser capazes de personalizar esse espaço e se identificarem com ele através de graus variáveis de controle. Esse investimento contínuo é tão vital que se torna a base de uma das mais distintivas características de lar, a dialética lar x não lar: é a experiência de não lar que ajuda a melhor definir essa concepção. Assim, o conceito tem sido muitas vezes pensado por sujeitos exilados ou cujo lar está à beira de ser perdido ou colocado em perigo de alguma forma. Frequentemente, lar não é questionado até que se desfaça, porque é construído através da divisão entre os mundos pessoalmente conhecidos e os contextos concebidos como não lar. É sobre essa dinâmica dialética entre lar e o que lhe fica de fora que se constrói a compreensão geográfica diária do mundo (TERKENLI, 1995, 324-5; 327-8).

Fabiano claramente constrói a tapera como lar a partir da dialética lar x não lar. Fica dividido entre duas inclinações contrárias: por um lado sabe, racionalmente, que não pode construir como lar um lugar que não lhe pertence, e que um dia terá de abandonar. Por outro lado, em momentos em que suas necessidades básicas estão satisfeitas, sente-se feliz, ou quase, e sonha com o tempo em que a fazenda reverdeceria, Sinhá Vitória e as crianças engordariam, “e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo” (RAMOS, 1972, p. 52). Contudo, a consciência de que o lugar não é propriedade sua parece prevalecer, e impede-o de realizar o investimento contínuo que garantiria a construção de lugar em lar. Ante o desejo da esposa de uma cama mais confortável, igual à de Seu Tomás da bolandeira, raciocina:

Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de pau (RAMOS, 1972, p. 59).

Em que pese à ciência da transitoriedade, Fabiano e a família rapidamente se acostumam a sua nova geografia pessoal, e começam a criar raízes. Na primeira vez em que rememora a maneira como se apossara da casa deserta, Fabiano descreve a si, a mulher e aos filhos como havendo se “habituaado à camarinha escura [...] a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera”. Mais adiante, diz que “entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado”; pouco depois já se vê como um “hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite” (RAMOS, 1972, p. 53-55).

Já agora a distância de casa, mesmo temporária, contribui para que o vaqueiro se torne consciente da importância que o lugar de habitação tem para ele. Associa ações rotineiras a partes específicas da tapera, de forma que, na cadeia, sabe exatamente onde Vitória estaria àquela hora, e o que estaria fazendo então: “deveria estar na cozinha, acocorada junto à trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta” (RAMOS, 1972, p. 61). Havia desenvolvido condições que propiciam a intensificação do sentimento do lar: os hábitos que repetidamente tomam lugar na tapera e adjacências acabam por diferenciá-la significativamente do resto do seu mundo conhecido. Como Terkenli explica, um indivíduo tem necessidade de retornar regularmente a tais padrões porque eles representam estratégias singulares de sobrevivência e realização pessoal que resumem lições consolidadas através de tentativas, erros e sucessos passados (TERKENLI, 1995, p. 326). Assim, quando preso, Fabiano percebe à distância como o que experimenta como lar é importante para seu bem-estar pessoal e psíquico. Consegue “arranjar as ideias”, lembra-se da velha casa onde mora e conclui que o que o sustenta é a família.

Intimamente relacionado à valoração do lar a partir de sua perda está o senso de enraizamento, fundamental à ideia de lar. Como já demonstrado, Fabiano julga-se “plantado”. Mesmo ao fim do romance, quando a realidade da volta da seca se torna por demais presente para ser igno-

*Repensando o
conceito de lar
em contextos
migratórios:
bagagens
esperançosas,
entre errância
e enraizamento*

171

rada, confessa que “a verdade é que não queria afastar-se da fazenda. Coisas alheias. Mas claramente tinha se apegado a elas” (RAMOS, 1972, p. 162). Já então, quando está na iminência de perder o que agora chama de lar, ocorre uma expansão do conceito. Como Terkenli explica, dependendo da localização física de uma pessoa em um dado momento, pode haver uma redução ou expansão da noção de lar. Com muitos exilados adultos ocorre que, ao lembrarem de onde vieram, vem-lhes à mente a terra natal, e não o último lugar que os abrigou (TERKENLI, 1995, p. 329). Ao deixar a fazenda, Sinhá Vitória volta-se ao passado, e interroga se

Não seria bom tornarem a viver como tinham vivido, muito longe? Fabiano agitava a cabeça, vacilando. [...] Viver como tinham vivido, numa casinha protegida pela bolandeira de Seu Tomás. [...] Aproximavam-se agora dos lugares habitados, haveriam de achar morada. Não andariam sempre á toa, como ciganos. O vaqueiro ensombrava-se com a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. [...] estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda (RAMOS, 1972, p. 165).

Nesse capítulo final, quando se retoma a marcha dos retirantes, o grupo humano pouco difere do capítulo inicial. A ausência de Baleia faz paralelo à ausência do papagaio, que já diminuía o número dos viajantes no primeiro capítulo; porém, o aumento da bagagem em relação ao início da viagem sugere melhora na situação familiar. Ao baú de folha pintada, faca de ponta, cuia, aió e espingarda de pederneira juntam-se agora uma cabaça de água, um facão de pederneira e um saco de mata-lotagem, onde carregam o bezerro morrinhento e farinha.

Fabiano contraíra uma “dívida exagerada”, impossível de pagar. Deixa para trás tudo o que na verdade não é seu: as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas, o curral, a égua e até o cavalo, bom companheiro. Possui, porém, o bezerro, que, agora salgado, os acompanha na viagem. Os meninos, que não se podiam manter em pé na mudança, agora caminham à frente, conduzindo trouxas de roupa; Sinhá Vitória ostenta “pernas grossas, as nádegas volumosas, os peitos cheios”, e carrega o baú e a cabaça de água. Fabiano segue atrás segurando o facão de rasto, a faca de ponta, a cuia, amarrada a um cinturão,

o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira a um ombro e o saco de matalotagem no outro.

Embora a descrição ressalte a melhora na condição física e econômica, a Fabiano e Vitória não escapa a percepção do espectro da seca, seja pela presença das arribações, dos urubus que farejavam carniça, seja pela percepção da “quentura medonha” e das “árvores transformadas em garranchos”. Percebe que o esvaziamento progressivo da cabaça ajudaria a manter menos curvado o espinhaço de Sinhá Vitória mas, por outro lado, prenunciava falta de água. Vendo a diminuição progressiva do vigor do marido, Vitória preocupa-se em aliviar-lhe a carga, transferindo para o filho mais velho parte da carga.

Reanimado, Fabiano retoma a conversa com a mulher. Ambos sentem-se esperançosos, mais leves, a ponto de Fabiano não “sentir a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho” (p. 172). Nesse momento, a precária bagagem, as pedras cortantes e as carnes putrefatas dos animais acentuam a esperança que anima os retirantes e que lhes anula os sentidos, imunizando-lhes o olfato aos maus cheiros, e o tato à aspereza do caminho e ao peso da carga.

Se é dado a Fabiano e à esposa sonhar com um lar, porque já o haviam experimentado, ainda que temporariamente, os personagens enfocados por Caryl Phillips em *The final passage* têm dificuldade para construir esse espaço. Ao contrário do romance de Ramos, estruturado a partir da adição de quadros isolados que, em seu conjunto, delineiam os personagens sem que haja propriamente uma progressão da ação rumo a um nó narrativo e desenlace, Caryl Phillips acompanha a vida de seus protagonistas, apresentando seus movimentos e motivações. Dessa forma, o leitor recupera o porquê de sua dificuldade em construir relacionamentos significativos que os levem a compartilhar um espaço e a valorizá-lo. O livro, dividido em cinco partes (O Fim, Lar, Inglaterra, A Passagem e Inverno) inicia *in medias res*, esquivando-se inicialmente da narração dos anos de formação de Leila, para apresentar, de saída, a cena da migração.

Caryl Phillips enfoca o êxodo da população empobrecida negra escrevendo de um lugar e de um contexto histórico bem diferente do de Graciliano Ramos. Remete à Inglaterra do pós-guerra, e seu chamado de

Repensando o conceito de lar em contextos migratórios: bagagens esperançosas, entre errância e enraizamento

mão de obra não especializada à geração *Windrush*. A 22 de junho de 1948, atraca em Tilbury o navio SS Empire Windrush, carregando 493 passageiros da Jamaica, os primeiros de um expressivo número de migrantes das Índias Ocidentais, que se dirigem de suas várias ilhas de origem rumo a um futuro esperançoso na Inglaterra.

Na cena inicial do romance, um homem uniformizado, postado à frente da fila de migrantes, segura a chave que abrirá o portão através dos quais os migrantes terão acesso aos pequenos barcos que os levarão ao navio SS Winston Churchill. A fila, iniciada horas antes, é aumentada pela chegada em massa dos viajantes pouco antes da hora convencional para a partida. Emprestando às bagagens a posição de agente, o romancista recorre a sua qualidade para sugerir a pobreza dos ilhéus; registra tanto sua grande esperança de dias melhores, como seu desconhecimento sobre o lugar para onde se dirigem através dos endereços esperançosos escritos com letra vacilante, índice também da reduzida escolaridade dos ilhéus:

E as bagagens surradas e caixas de papelão começaram a aparecer, os nomes garatujados sobre elas com vacilante tinta branca, seus endereços esperançosos jogados a esmo para algum ponto do outro lado do mundo (PHILLIPS, 1985, p. 10).³

Além de caracterizar os viajantes como um todo, a bagagem é ainda instrumental na caracterização da protagonista central. No ato de fazer as malas deixa-se entrever a motivação de Leila para a viagem, que corresponderia a um novo começo. Quer apagar a imagem da ilha natal, decidindo levar consigo tão pouco quanto possível que a recordasse de seu passado. Compra elegante mala de couro marrom, e dedica a véspera da viagem à criteriosa seleção de como definir uma vida velha, e uma nova, dentro dos limites de sua mala.

3 Esta, e as demais traduções de original em inglês neste trabalho, em tradução da autora. No original: “And the battered suitcases and cardboard boxes began to appear, names scribbled on them in shaky white paint, their hopeful addresses pitched aimlessly at a point somewhere the other side of the world”.

A forte motivação que a leva à Inglaterra, onde quer reencontrar a mãe e fruir relacionamento mais significativo com ela e o esposo, é ainda indicada pela minuciosa descrição do empenho investido no transporte da mala de sua casa até o porto. A operação requer o auxílio de sua melhor amiga, Millie, e inclui a obtenção de pequeno carrinho de madeira, sobre o qual a mala é posta e carregada por cerca de 180 metros através de estrada poeirenta. Ajuda do motorista e de outro homem é requerida para erguer a bagagem para dentro do ônibus que as leva à capital, e daí é carregada até o porto, onde contrasta com as caixas de papelão que lá se enfileiram. O fato de que só no último minuto Leila é aliviada desse peso com a chegada de Michael, que passa então a carregar a mala, sugere o descaso e falta de comprometimento do esposo, detalhados no segmento seguinte, “Lar”.

Nessa sessão, revelam-se ao leitor as histórias da vida dos dois protagonistas, Leila e Michael. Leila é jovem sonhadora e carente de afeição, que se ressentido do mutismo da mãe, mulher sofrida, incapaz de expressar em palavras e ações o amor que tem pela filha. Quer a filha para si, tentando preservá-la de ser usada e abandonada por um homem como ela própria o fora. Acima de tudo, censura a relação da filha com Michael, homem por quem Leila se apaixona por despertar inicialmente sua sede de romantismo, muito embora gradualmente ele tenha se revelado descortês e indiferente. O descaso do marido, suas constantes ausências de casa e sua preferência pela amante, Beverley, são fonte de desgosto para a personagem, que anseia por relacionamentos significativos no seio familiar. É exatamente porque não experimenta o lugar em que mora como lar que a jovem toma a decisão de emigrar.

O conceito de lar tem variado em diferentes épocas e culturas, tendo sido tomado como simbólico de sentimentos, circunstâncias ou tipos de relacionamentos, podendo estar associado a pessoas, ao local onde se vive, à família e/ou ainda a sentimentos de bem estar, conforto e familiaridade, como sugerido pelo tão conhecido provérbio “Lar, doce lar”.

Para Leila, a dimensão fundamental na constituição do conceito de lar é seu componente social, ou seja, a necessidade de estabelecer um círculo social de relações que a validem como ser humano.

Uma vez que sonha em encontrar na Inglaterra lugar propício para um novo recomeço em seu casamento e para um relacionamento significativo com a mãe, que para lá migrara, Leila passa a desconsiderar sua ilha natal como lar antes mesmo se distanciar dela. Já dentro do navio, mas ainda horas antes deste zarpar, contempla o que lhe parece apenas “uma pequena e orgulhosa ilha, sobrecarrega de vegetação e complacência [que] tinha sido seu lar” (PHILLIPS, 1985, p. 20, ênfase acrescentada)⁴. A mesma rejeição da terra de origem é manifestada de novo ao chegar em Londres quando, embora apreensiva, reafirma que o mundo que deixara para trás não tinha interesse nenhum para ela, salvo a amizade de Millie e Bradeth. Por outro lado, sabe que o lugar em que escolhera habitar ser-lhe-ia ainda mais vazio se não pudesse compartilhá-lo significativamente com sua mãe.

Já a história e motivações de Michael são de natureza diferente. Ecoa ainda em seus ouvidos o conselho que lhe fora dado pelo avô pouco antes de morrer, e que jamais esquecera, embora tivesse, na ocasião, apenas treze anos. Não fora dado a seu avô gozar de amor e orientação de seu pai, cortador de cana, provavelmente escravo. Repassando a Michael a sabedoria de um velho homem que conhecera no Panamá, diz-lhe que a economia do mundo está soldada ao suor do negro. Por isso, o admoesta a não ser nem alegre nem triste demais, a evitar a beleza e a cultivar ódio apenas na medida em que este o impulsione a alcançar o sucesso, cuja obtenção necessariamente implicaria emigração:

Panamá? Costa Rica? Brasil? América? Inglaterra? Canadá, talvez? O homem das Índias Ocidentais sempre teve que abandonar suas ilhas, pois não tem nada para ele aqui, mas quando você for, rapaz, não seja

4 This small proud island, overburdened with vegetation and complacency, this had been her home.

como nós. Volte com uma coisa grande do lugar para onde for. Coisa grande. Estou cansado de ouvir velinhos dizer, ‘Quando estive aqui e ali’ [...] mas eles não têm nada. A ambição vai te ensinar a fugir da beleza, e quando você for para qualquer lugar, lembre de mim, rapaz. Lembre de mim (PHILLIPS, 1985, p. 42)⁵.

Vendo na viagem de Leila a oportunidade de tornar realidade o conselho do avô, Michael propõe-lhe reatar o casamento, de forma a poder acompanhá-la à Inglaterra. Diferentemente de Leila, não tem dificuldade nenhuma em considerar St. Patrick como lar, pois ali leva vida relativamente mansa: trabalha ocasionalmente, tem comida e teto garantido tanto na casa da amante como na da mulher, conversa e bebe com os amigos. Assim, sente a necessidade de se despedir da ilha e, montando uma vez mais na moto, percorre-a em círculo, “olhando, lembrando, considerando” (PHILLIPS, 1985, p. 111)⁶. Não é de estranhar, assim, que na chegada à Inglaterra, Michael declare ao taxista ter recém chegado “de casa”.

Ao cabo de quinze dias, quando os penhascos da Inglaterra começam a ser avistados, Leila, insegura e temerosa quanto ao que a espera no futuro próximo, concentra-se na contemplação do convés, onde tremulam casacos, saias e vestidos agitados pela brisa. A associação da bagagem a transitoriedade se faz então forte: o ambiente lembra-lhe rua de favela; imagina as malas, onde se concentram as posses dos ilhéus, como se fossem casas. Essas são “casas” desprovidas de bens, contudo; a imagem constitui-se em sutil prenúncio da qualidade das habitações que abrigarão aqueles migrantes numa Inglaterra racista.

5 Panama? Costa Rica? Brazil? America? England? Canada, maybe? West Indian man always have to leave his islands for there don't be nothing here for him, but when you leave, boy, don't be like we. Bring back a piece of the place with you. A big piece. I sick of hearing old men taking about 'When I was in such and such a place' [...] and still they don't has nothing. Ambition going teach you that you going has to flee from beauty and when you gone to wherever, remember me, boy. Remember me.

6 [...] ride through the island, looking, remembering, wondering.

Dadas as diferentes motivações dos esposos, a decepção com a terra imaginada é expressa de diferentes maneiras por cada um deles com relação à geografia do lar. Inicialmente, ambos são incapazes de se identificar com o local que lhes serve de moradia, i.e., o quarto de pensão sujo e pobremente mobiliado onde a mãe de Leila morara. Quando, depois de terem vivenciado as dificuldades de alugar uma propriedade devido à discriminação racial e econômica, conseguem alugar o apartamento em Florence Road, Earl congratula-os e marca a ocasião como memorável: achar um lugar para morar que pudessem chamar de seu equivalente, em sua opinião, a “realmente chegar à Inglaterra” (PHILLIPS, 1985, p. 159)⁷. Com efeito, uma vez tendo chegado à residência depois que o contrato de arrendamento é assinado, Michael é descrito como depondo a bagagem ao chão. Simbolicamente, toma, assim, posse do espaço que deverá chamar seu. Evidentemente, trata-se de uma casa escura, pequena, suja, e escassamente mobiliada. Michael irrita-se, declarando não ter viajado tanto para morar num lugar como aquele; Leila raciocina que, apesar do estado da propriedade, esta possuía um telhado e quadro paredes e, pelo menos no momento, lhes pertencia. Havendo vindo à Inglaterra determinada a não repetir a experiência de não lar, Leila investe esforços no ambiente físico em que lhe é dado habitar, e despense um dia inteiro lavando a casa e achando soluções para fazê-la habitável.

Bastam a Leila poucos meses para se decepcionar com a viagem: as visitas diárias à mãe hospitalizada não rendem o resultado esperado. A velha incomunicabilidade entre elas, que tanto a incomodara em St. Patrick, volta a ser experimentada em Londres. Desejara dialogar com a mãe, tê-la como amiga; ao invés disso, sente que as palavras que trocam soam mais como uma entrevista. Quanto ao relacionamento com o marido, percebe que seu casamento novamente deve ser apenas tolerado, e não compartilhado. Dominado pelo desejo de sucesso, Michael pensa que não pode despende

7 I guess you all better go out tonight and celebrate, for even though you still don't have a job you really arrive in England now.

esforço para se preocupar com a esposa, e que deve concentrar toda a sua energia na obtenção de seu objetivo maior. Torna-se cada vez mais ausente, até que abandona o espaço em que coabita com Leila definitivamente.

Quando a mãe de Leila finalmente morre sem que ela e a filha houvessem desenvolvido maior familiaridade, morar na Inglaterra passa a ser totalmente desprovido de sentido para a jovem. Como sua mãe, que lhe segredara no hospital que a Inglaterra não era seu lar, sente dificuldade em associar a lar a cidade em que mora. A restrição a conceber como lar contextos outros que o lugar de habitação e de trabalho é comum em pessoas que experimentam alguma forma de redução espacial e social, e ocorre independentemente do tamanho da casa, seja porque conhecimento e familiaridade com o não lar não foram desenvolvidos e esses contextos não foram incorporados a rotinas habituais, seja porque não têm controle sobre ele ou têm dificuldade de se identificar com ele (TERKENLI, 1995, p. 329). As três condições acham-se presentes na rejeição de Leila da Inglaterra como lar. Já Michael, cujo objetivo de sucesso no exterior necessariamente envolve o maior conhecimento possível do lugar onde mora para que dele possa tirar proveito e voltar vitorioso, procura construir uma rede de relacionamentos e frequentar lugares que o possam ajudar em seus objetivos. Uma vez que concebe a presença da esposa e filho como obstáculo, não se constringe em traí-la e em abandonar o espaço que já então, como Leila define, é para ele apenas o lugar onde dorme e troca de roupa.

Essa condição contrasta com a de enraizamento, conceito inerentemente geográfico que é central à noção de lar. A palavra descreve a disposição mental ou o existencial no qual toda a vida de uma pessoa e suas ocupações estão centradas no que define como lar. O conceito associa-se à formação de um sentimento de pertinência; carrega consigo o potencial para alargar as fronteiras pessoais, já que os indivíduos tornam-se conscientes de sua identidade através da apreciação dos costumes e tradições locais; quando a nova cultura é incorporada, provê princípios norteadores para a existência presente e futura (TERKENLI, 1995, p. 329-30).

O senso de não pertencimento é mais agudo para Leila, porque não pode associar a lar nem o contexto exterior, nem o espaço que geralmente é mais fortemente percebido como lar, o lugar de habitação. Não foi capaz de desenvolver a identificação que transformaria esses espaços em lar. Assim, resolve desfazer-se de tudo o que adquirira na Inglaterra. Arranca as fronhas dos travesseiros, enche-as com o manto, luvas e blusão que comprara para o filho, e junta a elas as roupas de Michael, as cartas não respondidas e as não terminadas. Carrega essas bagagens improvisadas para o andar térreo e queima tudo, numa tentativa de acabar com qualquer coisa que lhe lembrasse os cinco meses passados em Londres. Logo acrescenta às chamas objetos de decoração, cinzeiros, copos, comida, tudo o que pudesse ser queimado. Em sua percepção, o lugar onde mora “não mais se parecia como um lar, [era] mais como um quarto de hotel barato” (PHILLIPS, 1995, p. 201)⁸.

Tal como ao início do romance, a decisão do que levar e do que banir da bagagem é ato de asserção, demonstração de escolha pessoal. Embora paire dúvida, ao final da obra, sobre a real probabilidade da protagonista vir a realizar seu sonho de dar as costas à Inglaterra e voltar para a terra natal, permanece o fato de que sua escolha está claramente feita. Já agora não lhe parece importante a qualidade da mala, mas seu conteúdo, que valoriza na medida em que o associa ao que considera efetivamente seu.

Nesse momento, o conceito da Inglaterra como lar totalmente se retrai, e Leila passa a valorizar sua terra de origem à distância. É St. Patrick que concebe como lar agora, muito embora tenha em mente bem claras as inconveniências de morar na ilha, a rotina inescapável que ela lhe imporia dado a quase total previsibilidade das rotinas na ilha. Ao contrário de Londres, porém, sua terra natal lhe oferece a segurança de relacionamentos, pois sabe que lá poderá sempre contar com a amizade e o apoio de sua amiga Millie e seu esposo, Bradeth.

8 [...] it no longer looked like a home, more like a cheap hotel room.

O questionamento do conceito de lar levado a efeito em ambos os romances analisados deixa bem clara a amplitude do conceito. Tanto Ramos como Phillips traçam a distinção entre lugar e lar, delineando ações, pensamentos e sentimentos, que contribuem ou não para a transformação de espaço geográfico em lar. Longe de adotar um conceito reducionista, ambos os romancistas tomam ocasião da contínua desconstrução da região-lar individual para dramatizar a experiência de desarraigamento desses migrantes, que falham em constituir e construir um espaço tão essencial como é o lar, entendido como ponto de referencia individual. Repetidamente personagens são impedidos de construir o investimento que os levaria a se identificarem com o espaço que ocupam como seu próprio, de forma a dele se apropriarem, construindo-o em lar. Um equilíbrio entre fatores externos, como a seca, pobreza e discriminação social, e internos, como os mais diretamente relacionados à personalidade e volição, evita que os romances descambem para uma valorização estreita ou sentimental do conceito de lar.

O fato de que a representação da bagagem constitui-se em elemento complementar à descrição dos personagens é extremamente pertinente nesse contexto migratório, dado seu caráter metonímico, como símbolo daqueles que as carregam. Na qualidade de objetos inanimados, malas, baús, moringas e assemelhados necessitam a ação humana para atingir o fim para o qual foram confeccionados, prestando-se assim a auxiliares na caracterização psicológica de seus possuidores, dos quais refletem aspectos relacionados à volição, agência e motivação, além de caracterizarem seu perfil socioeconômico. Tanto em *Vidas secas* como em *The final passage*, a reduzida bagagem, cuja finalidade é carregar o suficiente para a sobrevivência, passa a conter tudo o que sobrevive – daí sua carga expressiva.

Por outro lado, por tão intensamente dramatizarem quão longe da realidade situam-se tanto o sonho de uma vida melhor (como em *Vidas Secas*) como a promessa de condições de vida superiores (implícita no convite às primeiras gerações de coloniais para trabalhar na Inglaterra, e ainda ecoando na decisão pela imigração tomada por Leila e Michael em *The Final Passage*), as minúsculas bagagens magnificam o descaso

de que o migrante é alvo em ambas as situações. Dessa forma, fica particularmente visível o resultado final obtido no jogo entre a errância e enraizamento, entre o desejo do lar e sua negação final: em ambos os romances, a representação de tal embate, enriquecida pelos detalhes empregados na caracterização das bagagens, remete à realidade num espírito de reavaliação crítica, ressaltando o abandono, deslocamento e despossessão desses migrantes.

Denise
Almeida
Silva

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

182

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

BRASIL, Assis. **Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: São José, 1966.

LINS, Alvaro. Valores e misérias das vidas secas. In: RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Martins, 1972. p. 7-40.

PHILLIPS, Caryl. **The final passage**. New York: Vintage International, 1995.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

TERKENLI, Theano S. Home as region. **Geographical Review**, v. 85, n. 3, p. 324-34, 1995.